

A luta contra a lepra no Rio Grande do Sul*

Inauguração do Leprosário Itapoan

Reduzida durante muito tempo a limitado número de casos, a lepra nos últimos decênios assumiu, no Rio Grande do Sul, marcha francamente progressiva, comprovada pelo aparecimento de numerosos casos autóctones. As novas correntes imigratórias, as comunicações constantes com estados já de há muito duramente castigados e a inexistência de organização profilática adequada, foram os principais fatores da endemia temerosa que constitui, no presente, um dos nossos mais relevantes problemas médico-sociais.

Considerada, em 1905, doença "raríssima" entre nós por Baltazar de Bem em sua Geografia Médica, assim também era julgada pela maioria dos observadores da mesma época. Tão impressionante, porém, foi em seguida a expansão da lepra que, em 1933, as estimativas autorizadas (Freitas e Castro, Basil Sefton, Maia Faillace) calculavam em cerca de mil o número de hanseianos existentes no Estado.

Repelidos dos asilos e hospitais comuns, durante muitos anos os desventurados lazarus do Rio Grande com frequência vagavam ao desamparo, em ininterrupto e torturante "desfile macabro".

Crianças e adolescentes nos quais o exame acurado apenas lograva evidenciar tenues sinais do mal insidioso, porém inexorável; homens ainda válidos, faces tumidas pela moléstia e pela revolta contra a sociedade que os repelia, impossibilitava-lhes o trabalho, mas não os amparava; velhos doentes, resignados e sofredores, tropegas e mutiladas figuras humanas ou organismos de leve maculados pelo morbo terrível — uns e outros dirigiam-se a Porto Alegre, surgindo dos mais longínquos pontos do Estado.

Alentava-os a ilusão de que a cidade opulenta não lhes recusaria o auxílio dos recursos da ciência e o consôlo da sua piedade cristã. Cedo, porém, se lhes desvanecia a animadora miragem. Apenas reconhecida a natureza do mal que os corroía, hospitais e asilos fechavam-se aos seus apêlos. E dada a falta de organizações sanitárias e institutos particulares que os abrigassem, somente lhes era facultado o regresso desolador, na plena consciência da irremediabilidade do destino que os avassalava.

— Eis, em breves linhas, o quadro sombrio que durante longo período se ofereceu à visão diuturna de todos aqueles que vislumbravam, por contingências profissionais ou de ordem social, as devastações causadas pela lepra em nossas desprotegidas populações. E mais que um simples movimento de defesa sanitária, a campanha em favor do projetado Leprosário Riograndense tornou-se, por isso, imperativo de consciência, de coração, de solidariedade humana.

Orientada com perseverança e vêemência pelos técnicos dos serviços estaduais de Higiene, ao lado de vultos representativos da classe médica e da sociedade local, interessou fundamente à opinião pública, repercutindo de maneira favorável nas altas esferas governamentais.

* Transcrito dos "Arquivos Rio-Grandenses de Medicina", junho, 1940.

A fundação, em 1924, da Sociedade Beneficente Pró-Leprosário Riograndense pelo padre João Rick, os esforços do Govêrno do Estado, Rotary-Club e Sociedade de Medicina para a escolha de local apropriado à construção do referido nosocomio, a instalação em Janeiro de 1934 da Sociedade Riograndense de Ass. aos Lazaros e Defesa contra a Lepra, após intenso trabalho preparatório do Dr. J. Maia Faillace e da comissão presidida pela Exm.^a Sr.^a Luízinha de Freitas Valle Aranha, sob os auspícios das Sras. Da. Alice Tibiriçá e Eunice Weaver, a inauguração em 1936, pelo Dr. Raul di Primio, do Hospital de Emergência para leprosos, a instituição do Amparo Santa-Cruz — representam iniciativas meritorias que assinalam alguns dos marcos básicos dos primórdios da luta contra a lepra entre nós.

Em 1936 é finalmente lançada a pedra fundamental do Leprosário Itapoan, construído pelos Govêrnos da União e do Estado, como parte integrante do modelar plano federal de combate ao mal de Hansen, plano que já recebeu as mais encomiásticas referências dos especialistas estrangeiros que têm visitado o Brasil.

Com a remodelação dos serviços estaduais de saúde, entregues em 1938 ao devotamento e reconhecida capacidade organizadora do Dr. Bonifacio Costa, o combate à lepra começou a ser realizado de maneira sistemática e integral. Foram criados dispensários nos Centros de Saúde e Postos de Higiene do interior, um Dispensário Modelo em Porto Alegre, contratados técnicos especializados, articulando-se, com essas e outras medidas, o aparelhamento anti-leprotico riograndense, de acôrdo com o diagrama que adiante estampamos. A recente inauguração do Leprosário Itapoan, e a do Preventório Amparo Santa-Cruz, marcada para o próximo mês, completarão êsse aparelhamento, enquadrando-o dentro dos moldes mais aprimorados da leprologia moderna.

A luta contra a lepra no Rio Grande do Sul, que em face de dificuldades múltiplas não raro se afigurava ideal inatingível a seus pioneiros, torna-se assim confortadora realidade, objetivada em todos seus aspectos técnico-administrativos e sociais. Publicando em seu órgão oficial a notícia pormenorizada da inauguração do "Leprosário Itapoan", a Sociedade de Medicina, além de divulgar a situação atual do relevante problema, deseja manifestar o júbilo com que acolheu êste notável acontecimento, de tão elevada significação para a defesa da saúde pública em nosso Estado.

J. M. F.



— A inauguração do Leprosário Itapoan, efetuada em 11 de maio do corrente ano, revestiu-se de grande solenidade, com a presença do Interventor federal, Sr. coronel Cordeiro de Farias, de sua exma. espôsa, secretários de Estado, altas autoridades civis, militares e eclesiásticas, representantes da imprensa, médicos e numerosos convidados especiais.

Chegando ao local, o coronel Cordeiro de Farias, acompanhado pelas demais autoridades, cortou a fita que se estendia entre os mastros do grande arco erguido numa das avenidas que levam ao Leprosário. Em seguida, o Dr. Heitor Guimarães, delegado federal de Saúde e representante do Sr. Ministro da Educação e Saúde, procedeu à entrega do Leprosário, pronunciando o seguinte discurso:

Discurso do dr. Heitor Guimarães

"Exmo. Sr. Interventor Federal — Credenciado por Sua Excia. o Sr. Gustavo Capanema, operoso e ilustre Ministro da Educação e Saúde, credencial que sobremodo me honra, aqui venho para transmitir à V. Excia., Sr. Interventor, as suas mais vivas e expressivas felicitações pela obra grandiosa e meritória que V. Excia. vem de inaugurar e que veio resolver problema sanitário dos mais sérios para a terra Gaúcha.

Marca este ato inaugural da Colonia Itapoan, destinada ao combate sem treguas, vivo e cientificamente dirigido, ao mais antigo e acerbo mal, que aflige a humanidade, uma nova etapa na batalha já vitoriosa, que o Govêrno fortemente realizador do grande Presidente Getulio Vargas, ilustre e denodado Patrono do Estado Novo, em cooperação com os dinâmicos e operosos Govêrnos dos Estados, vem dando aos males e flagelos, que desbaratam riqueza, originam dôr e espalham desgraça, dizimando e aniquilando populações, ferindo de fundo a economia nacional.

Será interessante e demonstrativo passar rapidamente sôbre o que é o mal de Hansen no rincão gaúcho, sua invasão, incidência e meios de combate.

Originário do Oriente, como a civilização, por ela foi levado e disseminado no globo terrestre. Nem uma terra lhe escapou à garra maldita e estigmatizante. No Rio Grande, como no resto do Brasil, êle penetrou trazido pela corrente imigratória, que sucedeu ao Descobrimento.

Não se lhe conhece data certa da invasão. Os nossos aborígenes não o possuíam. O norte do Estado parece o mais atingido, pelo menos já o demonstra o nosso censo ainda incompleto. Como refere o Professor Souza Araújo, o mal de Hansen, aqui, custou a interessar os estudiosos. Em 1915 apenas 15 casos eram conhecidos; 30 na Capital em 1920; 64 em 1927, registro do Deputado R. Fernandes; ainda em 1927, 116 assinalava von Bassewitz.

Maia Faillace em 1932 estudava 85 casos e noticiava 174 conhecidos, estimando em 1.000 os casos para uma população de 3 milhões de habitantes.

Tínhamos assim um coeficiente de 0,33 por 1.000 habitantes.

Esse mesmo estudioso publica, em 1934, a seguinte estatística de "hansenianos": 1923, 400; 1927, 560; 1931, 784 e 1933, 941. Afirma ainda que nos últimos dez anos se tornaram doentes 1.752 pessoas, das quais faleceram 311, e que o mal está em franca progressão, possuindo 2/3 dos municípios, hansenianos.

Na estatística do Ministro Gustavo Capanema, mandada à Câmara, o Rio Grande figura com 600 hansenianos, isto em Julho de 1936. E hoje o nosso censo, ainda em andamento, já conta 330 hansenianos fichados e seus correspondentes comunicantes em número de 985; o D. E. S. conhece e tem fichados 430 hansenianos, mercê da sua extraordinária e eficiente rêde de postos de Higiene.

Vê, pois, V. Excia., Sr. Interventor, pelos dados que acabo de lêr, que o problema da erradicação do mal de Hansen no torrão Gaúcho, é sério sem ser sombrio, nem desesperador, e que, com o aparelhamento científico completo, que orienta a moderna profilaxia do mal de Hansen, do qual esta "Cidade do Lazaro" é um departamento, será um fato.

Completem seu aparelhamento "o Censo" que perfeitamente realizado facilita o isolamento e o tratamento; o "Dispensário" cuja função vai desde a revisão dos censos até o exame periódico dos comunicantes passando pelo tratamento dos casos fichados.

O "Preventório", essa obra meritória de cooperação privada humanitária e científica, tão cara ao coração da mulher, cujo fim precípua é arrancar

à garra do mal horrendo aquele que mal entrando na vida vem. E finalmente, a instrução especializada, e aqui pego licença, a V. Excia., Sr. Interventor, para felicitar ao D.E.S. pelo curso de Hansenologia que vem de inaugurar para os seus auxiliares.

No combate ao mal de Hansen, no nosso querido Rio Grande, só duas datas podemos assinalar, a de 21 de Janeiro de 1936, quando o benemérito Professor Di Primio inaugurava após comovente apelo à generosidade e filantropia do povo gaúcho, o Hospital de Emergência, construído no curto espaço de 30 dias; e a de hoje, em que V. Excia. deverá estar possuído de justo orgulho, de sã alegria e da satisfação de ter inaugurado obra de tão imperiosa necessidade — onde o pobre hanseniano, à sombra dum teto que é seu, descansará ao abrigo das injúrias do tempo e da maldade dos homens, que querem vêr nele o criminoso, em vez da vítima, expiando uma pena da qual não é o culpado.

E assim aqui, nesta cidade que é sua, e que a moderna engenharia sanitária, aprimora, em conforto e bem estar, o infeliz lazaró, Sr. Interventor, sentirá profundamente e compreenderá perfeitamente a confortadora realidade da frase, que ele lerá no frontespício desta Colônia, e que se deve à mais antiga Associação de Assistência de Lazários do Brasil:

AQUI RENASCE A ESPERANÇA.

Fez uso da palavra, a seguir, o Dr. Luiz Osmundo Medeiros, do ministério da Educação e Saúde, historiando a campanha federal contra a Lepra.

O Dr. Coelho de Souza, secretário da Educação e Saúde Pública do Rio Grande do Sul, proferiu, após, o belo discurso que abaixo publicamos:

Discurso do Dr. Coelho de Souza

Exmas. Autoridades

Minhas Senhoras

Meus Senhores

O Governo do Estado, cujo pensamento expresso nesta hora, por honrosa delegação do eminente Sr. Interventor Federal, recebe do Governo Federal, representado pelo Sr. Dr. Heitor Guimarães, o Leprosário destinado ao Rio Grande do Sul.

Não se enquadram, nestas palavras de agradecimento e de prestação de contas, considerações gerais sobre o mal que se procura conjurar por todos os meios, em um esforço onímodo, que tem sua alta expressão no ato que ora se realiza.

De resto, desnecessária seria qualquer dissertação dessa natureza, perante esta culta e nobre assistência.

Todas as inteligências, versadas na história das civilizações, têm a noção, bem exata, do problema angustiante que para as sociedades representa a existência da lepra.

No tempo e no espaço, todos os povos têm sofrido a ação do morbo terrível e, por isso, bem pode um grande médico escrever “que é possível que os fenícios tivessem trocado pau sandalo e especiarias por lepra; atravessaram os Acaios o mar com vinho em busca de Helena, mas pode ser que seus escravos levassem a lepra, quando retornaram às praias gregas; é ela suspeita de ter seguido os exércitos e foi levada pelas legiões de Pompeu após a conquista do Oriente; e os soldados da Cruz, que avançaram tão longe para resgatar o

Santo Sepulcro, voltaram cambaleando ao pêso da cruz da lepra, que traziam para o mundo critsão."

E ninguém ignora como uma profilaxia elementar se confundia com a crueldade e os prejuizos.

O drama individual do leproso é, sem duvida, a nota mais sinistra da humanidade, no qual o sofrimento físico deve ser pequeno, em face da tortura moral.

A maldição entre os hebreus e o ofício dos mortos, com que na Idade Média se fazia a "separação dos leprosos", esbatem as côres trágicas da pena de um Dante.

Para crédito da humanidade, porém, nas almas de eleição, o cristianismo foi transformando o horror e a crueldade em compaixão e o tratamento dos lázaros foi, para muitos, o melhor exercício espiritual.

Depois de alguns séculos, êles já eram os "doentes de Deus", os "pobrezinhos de Deus", a "bôa gente" e, para Izabel da Hungria e outras figuras que da nobreza da terra procuravam passar a uma nobreza maior, o contacto com os lázaros era a melhor das occupaões.

O mundo contemporâneo não se libertou do mal pavoroso, com a estatística de mais de três milhões de leprosos, segundo a literatura médica atual, e, países há, em que o seu número se aproxima do milhão.

E não se contam por exceções os casos de crueldade no trato com os leprosos, mesmo em nossos dias.

A LEPRO NO BRASIL

Não poderia a nossa Pátria constituir uma exceção.

Acompanhando um trabalho do eminente sanitarista Dr. Barros Barreto, publicado no 8.º número dos Arquivos do Departamento Nacional de Saúde, verifica-se que, segundo os dados do censo, collidos até 1.º de junho de 1938, com a ressalva de não serem completos, e representarem apenas estimativas os de alguns Estados, há no Brasil 35.091 leprosos.

Na base desses dados, no caráter de provisoriedade, os seguintes dados regionais de incidência da lepra:

Região do norte: Território do Acre, Amazonas, Pará e Maranhão — 2,5 por mil;

Região do nordeste: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Baía — 0,20 por mil;

Região do centro: Espírito Santo, Estado do Rio, Distrito Federal, Minas Gerais, Goiaz, São Paulo e Mato Grosso — 1,13 por mil;

Região do Sul: Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul — 0,49 por mil.

A CAMPANHA FEDERAL CONTRA A LEPRO

A política social do Govêrno que surgiu com a Revolução de 30, havia, sem dúvida, de se voltar para o magno problema.

Sem esquecer os patrióticos esforços dos govêrnos passados e, principalmente, a obra admiravel empreendida, desde anos, pelos homens de São Paulo — verdadeiros e nobres precursores da profilaxia da lepra em terras brasileiras — é ao eminente Presidente Getulio Vargas que se deve a sistematização da campanha.

Sob o alto patrocínio e a direta inspiração de S. Excia., foi o problema focado em todos os aspectos e particularidades, com a visão panorâmica de sua extensão.

Baseado em cifras censitárias, o notável sanitarista Barros Barreto, com a colaboração dos ilustres drs. Ernani Agrícola e Joaquim Mota, após devido exame da realidade brasileira, traçou, em 1935, a campanha nacional da profilaxia da lepra.

Esse plano compreende, além do aproveitamento, adaptação e ampliação dos antigos leprosários e asilos, a construção de uma rede de novas leprosárias, de tipo colônia agrícola, mais adequadas às condições nacionais, e atende, de um lado, à incidência do mal, e de outro, às condições ambientes, às exigências da profilaxia e da assistência médico-social.

Projeto sem dúvida gigantesco, já pelo número de construções a realizar, ampara-se em um orçamento estabelecido para uma sequência de cinco anos que atinge a impressionante soma de 34.430.000\$000, a serem dispendidos no quinquênio 1935-40.

O plano compreende, quer em construções novas, quer em ampliações e melhoramentos dos estabelecimentos já existentes, 38 leprosários e 12 asilos.

Desses, já se acham em funcionamento ou em final de construção 42 e em projeto 8.

Estará, assim, definitivamente realizada, a maior obra hospitalar já prevista e levada a efeito em uma campanha contra a lepra.

Título, sem dúvida, suficiente para justificar, perante a posteridade, o idealizador da política sanitária nacional e que responde, eloquentemente, às diátribas partidárias.

Além de construir e de ajudar a construir os hospitais referidos, o Governo Federal concorre, com elevadas somas, para a sua instalação e manutenção.

A COLABORAÇÃO DO RIO GRANDE

Convém esclarecer que, praticamente, todos os Estados vêm contribuindo para a execução do plano de combate ao mal de Hansen, cumprindo destacar, em particular, os de Minas Geraes, Rio Grande do Sul, Santa Catharina e Espírito Santo.

Em São Paulo, em rigor, toda a obra foi de iniciativa estadual e só a partir de 1937 tem o Governo Federal colaborado nas ampliações necessárias de 3 dos 5 estabelecimentos já creados — escreve o Dr. Barros Barreto.

Na verdade, o apelo do Governo Federal encontrou grande eco no Rio Grande do Sul, quer no passado Governo do Dr. Flôres da Cunha, cujo nome deve ser declinado, em um ato de justiça, quer no Governo atual.

De início, deve-se a uma instituição privada, a Sociedade Beneficente Pró Leprosário Riograndense, fundada em 1924, na cidade de Santa Cruz, o haver cogitado da construção de um asilo para leprosos.

Essa Sociedade, porém, não foi além do recolhimento de fundos, empregados, mais tarde, na obra de uma outra sociedade, de que adiante falaremos.

Posteriormente, o problema da lepra, do ponto de vista profilático, foi realmente atacado e, pela primeira vez no Estado, pelo Dr. Raul di Primio.

Esse ilustre e humanitário facultativo, vencendo resistências e dificuldades de toda a sorte, enfrentando a conspiração da displicência e do der-

rotismo, conseguiu, em 1936, construir o Leprosário de Emergência, anexo ao Hospital de Isolamento, no Partenon.

Aí, na modéstia desse pavilhão, começaram a ser internados e convenientemente tratados, os hansenianos até então abandonados à sua desdita e à tarefa trágica e inconsciente de contagiarem os entes que eles desejariam ver poupados.

Nessa primeira realização em favor dos leprosos, já surgiram as beneméritas senhoras que se tornaram credoras da gratidão do Rio Grande.

Amparando e secundando a ação do Dr. Raul di Primio, puzeram-se à frente de um movimento social essas damas ilustres que honram e elevam a nossa terra:

D. Luizinha Aranha, em quem se sublimaram as virtudes profundas e a bondade desbordante da mulher rio-grandense; a fidalguia integral de D. Ilza Chaves Barcelos; a simpatia cativante e nobre de D. Sinhá Anes Dias e tantas outras de difícil enumeração.

Reorganizando, em 1938, os Serviços de Saúde Pública do Estado, sob a direção altamente capaz do grande técnico que é o Dr. Bonifacio Costa, deliberou o ilustre Interventor do Estado coordenar uma ação, governamental e privada, de profilaxia da lepra, dentro do trinómio — Dispensário — Leprosário — Preventório.

Dispensário — Começou-se por crear, em Pôrto Alegre, um Dispensário Central, instalado no Centro de Saúde n.º 2 já em funcionamento, desde dezembro de 1938, com o encargo de doentes isolados em domicílio, seu tratamento, sua vigilância e exame dos comunicantes.

Aí foram fichados 96 doentes, e dêsses estão sob o contrôle do Dispensário 74, por terem sido internados uns, transferidos para o interior outros.

Nesse serviço foram feitos 234 exames de comunicantes, de doentes de lepra, tendo sido encontrados 14 casos novos.

A vigilância sanitária é feita pelo serviço de educadoras sanitárias, tendo as mesmas feito 399 visitas aos doentes e seus comunicantes.

Instalados nos 43 Postos de Higiene e 2 Centros de Saúde, espalhados pelo interior do Estado, estão os dispensários com as mesmas finalidades do de Pôrto Alegre.

Achavam-se aí fichados, até 1939, 284 doentes, sob vigilância e tratamento.

O total de doentes confirmados e fichados é de 491, estimando-se em 800 a 900 o número de leprosos no Estado.

Leprosário — Até que se concluíssem as obras que hoje inauguramos, foram construídos novos pavilhões no Leprosário de Emergência, que abriga, presentemente, 99 doentes, aos quais não tem faltado assistência médica e moral.

O Leprosário-Asilo-Colônia de Itapoã, que neste áto entra em funcionamento, no qual se realiza o ideal médico e humano, de assegurar aos doentes o máximo de conforto e de assistência, reduzindo ao mínimo o seu contacto com a gente sadia, representa, expressivamente, a correspondência do Governo do Estado ao apêlo do Governo Federal.

O bloco de edificios aquí construídos, que ainda receberá as edificações complementares e serviços de urbanização, exige um dispêndio de 4.290:346\$800.

Para êsse computo total o Governo Federal entra com 2.035:983\$000.

A ordem de São Francisco, a que foi entregue a administração da Colônia, contribuiu com 100:000\$000, para a construção da Capela.

A contribuição do Governo do Estado do Rio Grande é de
2.273:363\$800.

Dessa elevada importância, foi paga pelo Governo anterior
762:830\$800, cabendo, assim, ao Governo atual a taxa de 1.510:483\$000.

Contribuição, sem dúvida, elevada, tendo-se em conta as possibilidades financeiras do Estado, mas, pequena, em face do fim humano e patriótico, a que se destina.

Registe-se aqui a ação dinâmica e capaz do ilustre Dr. Osmundo Me-deiros que iniciou os trabalhos de construção.

Preventório — O grupo de senhoras que coadjuvaram na iniciativa do Dr. Raul di Primio, converteu-se, mais tarde, na “Sociedade Riograndense de Assistência aos Lazáros”, sob a natural presidência de D. Luizinha de Freitas Vale Aranha, e hoje filiada à “Federação das Sociedades de Assistência aos Lazáros e Defeza contra a Lepra.”

À benemérita Sociedade de Assistência aos Lazáros devemos a construção do Amparo Santa Cruz, a ser inaugurado dentro de poucas semanas.

Obra de vulto, com capacidade para recolher 300 crianças, filhos sadios de doentes, já consumiu cêrca de 1.000 contos, facilmente alcangados, graças ao coração generoso da gente riograndense e prestígio de sua presidente e das demais senhoras que integram a sua diretoria.

Cumpre-se acentuar que o Governo do Estado contribuiu para essa obra com cêrca de 300 contos de auxílio.

Senhores.

Eis, num esforço de síntese, a prestação de contas do Governo do Rio Grande referente à sua ação, no setor de combate à lepra, dentro do seu plano de política social.

Resta agora, apresentar os seus agradecimentos a todos os que trouxeram a sua colaboração ao esforço, que atinge agora a uma das etapas decisivas.

Agradece ao eminente patricio Dr. Getulio Vargas, que vive na admiração e no respeito de todos nós, e ao preclaro Ministro da Educação e Saúde, Dr. Gustavo Capanema, a dádiva dêsse Leprosário-Asilo-Colônia, inspiração de seu patriotismo e cristalização do seu alto desejo de servir ao Brasil.

Agradece à Exma. Sra. D. América Xavier da Silveira, D. D. 1.^a Vice-Presidente da Federação das Sociedades de Assistência aos Lazáros e Defeza contra a Lepra, figura de patriciado moral e social da nossa Pátria, que nos honra com a bondade de sua visita e com o encanto de sua presença.

Se ao Governo Federal devemos a campanha nacional e cada vez mais unitária contra a lepra, não é menos verdade que às Sociedades de Assistência aos Lazáros deve o Brasil a campanha nacional, em favor da assistência social aos hansenianos.

Agradece — e onde encontrará palavras para agradecer bastante? — às ilustres damas riograndenses, que dispensaram o auxílio inicial ao Leprosário de Emergência, e que, constituídas, mais tarde, na Sociedade Riograndense de Assistência aos Lazáros, levaram a termo essa realização magnífica que é o Amparo Santa Cruz.

Na impossibilidade de declinar todos os nomes beneméritos, apresenta os seus agradecimentos, na pessoa da Exmas .Sras. D. Luizinha de Freitas Vale Aranha, Ilza Chaves Barcelos e Sinhá Anes Dias, beijando-lhes a mão.

Agradece à Associação Comercial, ao Clube do Comércio e ao Ro-

tari Club, na pessoa benemerita do sr. Osvaldo Rentsch, a contribuição valiosissima que representa o aparelhamento das salas de diversões dêste estabelecimento recentemente oferecido.

Agradece aos doadores da biblioteca e da rouparia dêste Asilo-Colônia.

Agradece a todos, sinceramente.

Reserva para o fim um agradecimento, não maior que os outros, mas, talvez, o mais comovido.

Uma pena maravilhosa imaginou, em página eterna, a esmola de Jesus ao leproso.

No quebrante de luz de uma tarde da Galiléia, avançavam pela estrada Jesús e tres discípulos.

Em uma curva do caminho, atirado sôbre a poeira, no abandono da maldição, extendia as suas úlceras à caridade — um leproso.

Os discípulos, um a um, a medo, aproximaram-se do desgraçado e lhe atiraram, de longe, um manto, um pão, uma moeda.

Faltava a esmola de Cristo.

Jesús avança, como que flutuando na pulverisação de luz da tarde, e, chegando bem junto do lázaro, beijou-lhe a bôca chagada.

Todos os que aquí estão, deram a sua moeda, o seu pão e o seu manto.

Houve outros, porém, que se reservaram o beijo da esperança e do consêlo — fiéis à lição do Mestre.

Esses são o Frei Pacífico, que abandona a direção de um grande estabelecimento de ensino, para se fazer o consolador dos torturados, e, também, as Irmãs que disputaram, com a ansia que no mundo se reserva aos convites reais, a tarefa de enfermeiras dos doentes — tornando difícil a escolha, dentre todas as que se apresentaram.

Eles não precisam do nosso aplauso nem do nosso louvor.

Eles o encontram na própria consciência e esperam um prêmio maior.

Isso não impede, porém, que o Govêrno do Estado se curve agradecido, ante aquêles que souberam fugir à própria contingência de natureza humana.

*

* *

Em nome do município de Viamão, no qual está localizado o Leprosário, fez uso da palavra o Dr. Coraci Prates da Veiga. Por fim, falou o Dr. Hugo Pinto Ribeiro, presidente da Sociedade de Medicina de Pôrto Alegre, em nome dessa entidade sendo, como os demais oradores, longamente aplaudido.

Serenados os aplausos que cobriram as palavras do último orador, D. João Becker, arcebispo Metropolitano, procedeu à benção do Leprosário Itapoan, ato que foi reverentemente assistido por todos os presentes.



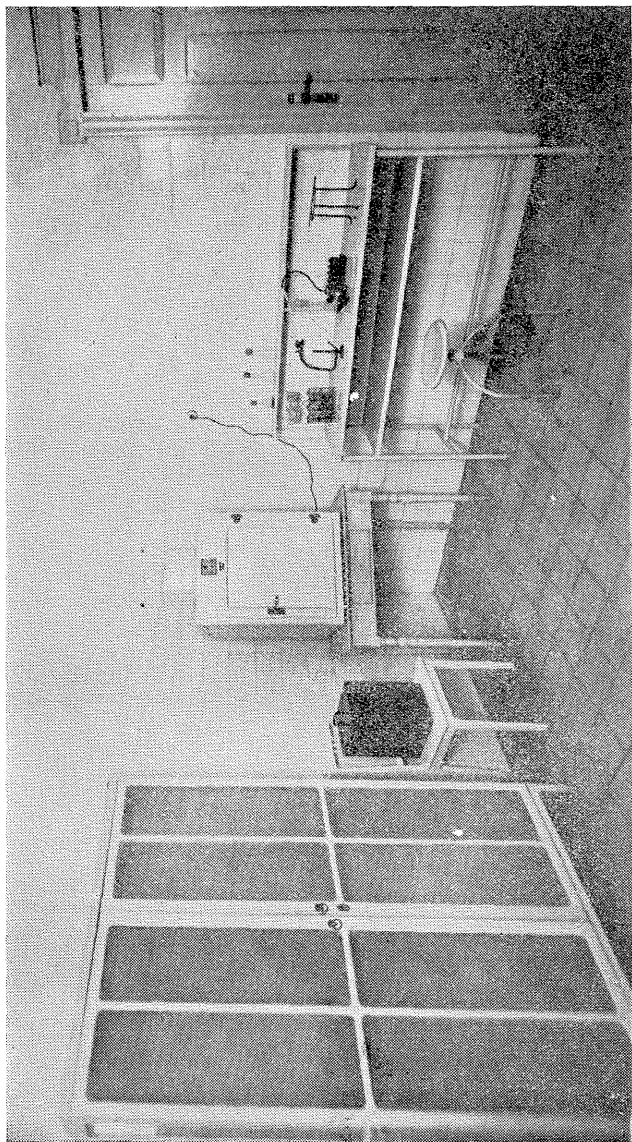
A luta contra a lepra no Rio Grande do Sul

Leprosário Itapoan



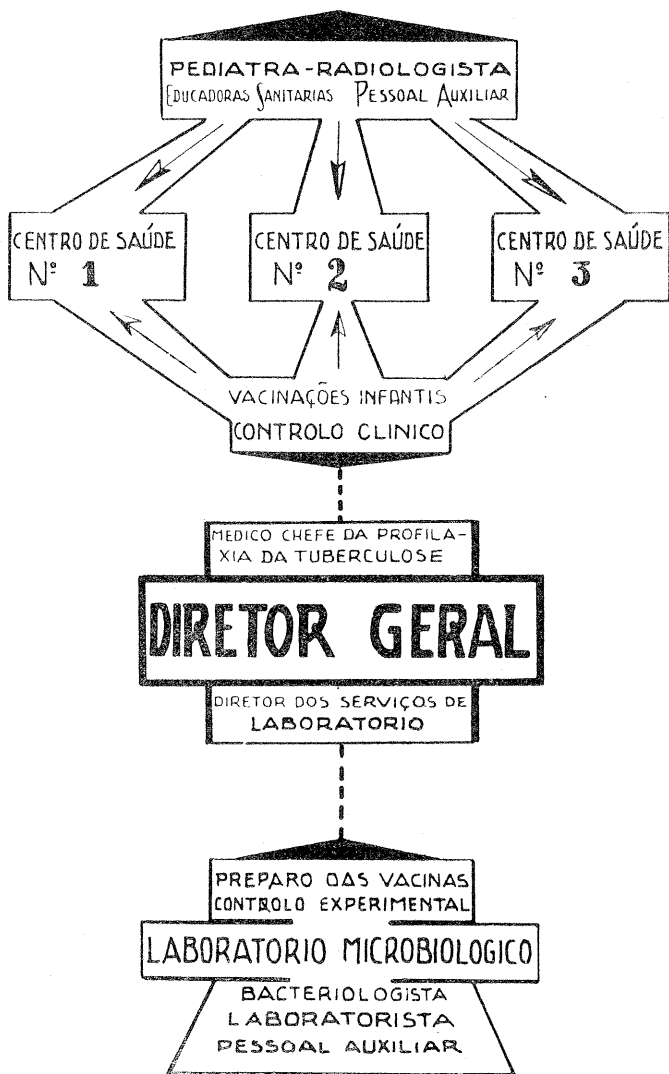
Tipos de habitações para os doentes





Sala de preparo da vacina BCG no Laboratório Microbiológico do Departamento Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul

**ESQUEMA DA ORGANIZAÇÃO ATUAL DO SERVIÇO BCG DO
DEPARTAMENTO ESTADUAL DE SAÚDE
PORTO ALEGRE
RIO GRANDE DO SUL
BRASIL**



D.E.S.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
BRASIL

COLÔNIA ITAPOAN

LEPROSOS

OBRA DE INICIATIVA E EXECUÇÃO DO GOVERNO
FEDERAL COM A COOPERAÇÃO DO ESTADO

- | | |
|---|--------------------------------|
| CASA DO MÉDICO | 12-CASA DAS IRMÃS |
| CASAS GEMINADAS PARA FUNCIONÁRIOS | 13-ADMINISTRAÇÃO-ALMOXARIFADO |
| CASA DO ADMINISTRADOR | ROUPARIA-LABORATÓRIOS |
| GARAGE E CASA PARA MOTORISTA | 14-PADARIA |
| CASA DO CAPATAZ-S ^{tes} AGUA-LUZ-ESGOTOS | 15-CASAS GEMINADAS PARA CASAIS |
| CASA DOS ELETRICISTAS | 16 CAPELA |
| USINA | 17-DISPENSÁRIOS E HOSPITAL |
| CASA DO TRATAMENTO DA AGUA | 18-ESPURGO |
| CEMITÉRIO | 19-PARLATÓRIO |
| FORNO DE INCINERAÇÃO | 20-PAVILHÃO DE OBSERVAÇÕES |
| NECROTÉRIO | 21-PAVILHÕES CARVILLE |
| | 22-COSINHA E REFEITÓRIO |
| | 23-LAVANDARIA |
| | 24-OFICINAS |



ASSISTENTE TÉCNICO

DES. 10.9.1140 - CÔPIA DO PROJETO REVISADO - 17